

CONSTRUINDO CONHECIMENTO COM AGROFLORESTA: IMPLANTAÇÃO DE SAF COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE POSTO DA MATA – BA

Érica de Jesus Portugal

Universidade Federal do Sul da Bahia

Maria Monielle Salamin Cordeiro Monteiro

Universidade Federal do Paraná

Kariny de Oliveira Paiva

Analista de Sustentabilidade, Arkhé Assessoria/
Consultoria Socioambiental (SUZANO S. A.)

Resumo: Os Sistemas Agroflorestais, caracterizados como um sistema heterogêneo, são cultivos consorciados que buscam mitigar uma história catastrófica na agricultura construída através do desmatamento e da destruição das florestas. Partindo desse princípio, foi desenvolvido em uma escola municipal de Posto da Mata/BA o presente projeto, que teve o objetivo de trabalhar com agroecologia e os SAF's no ambiente escolar, com o propósito de, além de proporcionar aos alunos uma aula interativa, mostrar na prática como é possível produzir alimentos com ações que não estão fora da sua realidade. Foram traçadas etapas que criassem uma analogia com a forma de alimentação vivida nos tempos de hoje a uma alimentação ideal, fazendo parâmetros com os caminhos que podem ser percorridos para produção desses alimentos, minimizando da melhor forma possível os impactos causados na produção alimentar e ambiental. A dinâmica aconteceu em caráter de mutirão. O projeto possibilitou que os discentes tivessem a vivência da prática e um conhecimento introdutório no que se diz respeito à conscientização e preservação do meio ambiente, promovendo o desenvolvimento de uma consciência ecológica. A iniciativa do projeto mostra a variedade de possibilidades e um leque de ações que podem ser promovidas em um espaço escolar com a agrofloresta.

Palavras chave: cultivo nativo, tecnologia socioambiental; interdisciplinaridade.

Introdução

Está cada vez mais comum a (pré) ocupação, ocupação prévia, dos seres humanos com seu bem-estar, principalmente no local onde vivem. A degradação ambiental crescente



provoca severos danos a nós e a todas as relações entre os conjuntos bióticos e abióticos, aumenta a entropia e desequilibra a homeostase entre diversos biosistemas, ao colocar em risco a sustentabilidade da vida no planeta (MONTE, 2013). Faz-se necessário buscar alternativas que contribuam para diminuir o uso de agrotóxicos, a emissão de gases para o efeito estufa, o descarte inadequado dos resíduos, monoculturas e substituição de tantas outras práticas incrementadoras da referida degradação ecossistêmica e declínio de suas fontes renováveis. Interagindo com essas ideias, iniciaram o caminho de transformação de suas relações com a natureza e com outros homens e mulheres (STEENBOCK et al., 2003). Desta forma o uso de tecnologias limpas, sistemas socioambientais, propostas de desenvolvimento sustentável monitoradas, técnicas agroecológicas, mutirões agroflorestais, alfabetização ecológica de discentes em idade escolar e outros permitem mitigar a crescente degradação. Essas medidas, entre específicas políticas públicas em prol da sustentabilidade, em seus diversos aspectos podem colaborar para que nosso modo de vida seja revisto, repensado e remodelado como forma de serem atenuadas as mudanças climáticas, pandemias e as perdas na biodiversidade planetária, em função das monoculturas agrícolas: a “plantation”. No Brasil, um país de clima tropical, detentor da maior biodiversidade do planeta, riquíssimo em recursos naturais e em diversidade cultural, repassa-se um conteúdo que está longe de ser questionador e de buscar alternativas adaptadas, que realmente beneficiem as questões ambientais (PENEIREIRO et al., 2000).

O uso dos Sistemas Agroflorestais (SAF's), cultivos consorciados, buscam mitigar toda uma história catastrófica na agricultura construída através do desmatamento e da destruição das florestas. É um sistema agrícola diferenciado dos sistemas convencionais (monoculturas), pois prioriza a diversificação das lavouras, no qual se cultiva mais de uma ou várias espécies de interesse agrícola junto de espécies arbóreas nativas, ou não, numa mesma área. Caracteriza-se, assim, como um sistema heterogêneo (SALES et.al., 2018). Os SAF's são semelhantes a uma floresta, isso permite que o solo tenha um alto valor nos níveis de matéria orgânica e nutrientes, permitindo uma ótima fertilidade. Com tais fatores favoráveis é possível reduzir a temperatura do solo e do ar, assim essa biodiversidade de espécies arbóreas e fauna atraída é com a formação de uma serapilheira, liteira ou manta morta natural; ou mulching, cobertura artificial do solo, através de algum material que não sejam plantas vivas. Qualquer substrato pode ser utilizado para cobrir o solo, seja folha seca, chip de fibra de coco, casca de pínus, substrato, pedrisco, palha, argila expandida, conchas,



vidro. Dessa forma, se torna exuberante cobertura sobre o solo e garante a permanência de uma maior umidade. Em tal situação, a irrigação é praticamente garantida e, desta forma, atraem-se as espécies que colaboram com a polinização e recompõe o equilíbrio ecológico do ambiente, além de promover renda e garantir a subsistência de comunidades tradicionais. Este trabalho tem o propósito de apresentar os fundamentos da construção de um projeto pedagógico, a partir e para o desenvolvimento de um ideal produtivo e de representação comunitária relacionada aos sistemas agroflorestais, no qual, as experiências de homens, mulheres e crianças que vivenciam esta práxis, retornam esse viés para âmbito escolar.

Metodologia

A Escola Municipal Deputado Oscar Cardoso, localizada no subdistrito Posto da Mata, no município de Nova Viçosa- BA, possuía em seu terreno um local que era inutilizado, encontrando-se ocioso, tal como outros espaços arbóreos (cobertos com entulho) que estavam destinados para utilização de diversos fins, como novas construções de pavimentos (esporte, lazer, laboratório etc.), arborização, jardinagem e horticultura. Diante da necessidade colocada em evidência pela unidade escolar no que se refere ao uso desse espaço com propósito pedagógico, foi, então, construído um projeto com e para os estudantes, que tinha como intuito promover sentido e pertencimento, que pudesse envolver os alunos com a realidade do entorno da escola e, também, das suas origens e vivências em espaços rurais. Como os alunos dessa escola vivem num contínuo deslocamento entre zona urbana (onde a escola está localizada) e zona rural (onde uma parcela dos estudantes moram), bem como as comunidades agrícolas do entorno são territórios onde suas famílias vivem, o projeto foi pensado em implantar uma agrofloresta à luz dos saberes e experiências que permeiam a vida dos discentes.

Nessa perspectiva, trabalhar com agroecologia e os SAF's no ambiente escolar tem o propósito de, além de proporcionar aos alunos uma aula interativa, mostrar na prática como é possível produzir alimentos com ações que não estão fora da sua realidade. “A educação em Agroecologia e Agrofloresta não é apenas um repasse de informações e técnicas, mas sim a reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos e o mundo que queremos”, conforme Peneireiro (2013, p. 592). Nessa mesma concepção, olhando um sentido mais amplo, é necessário entender que estamos conectados ao nosso planeta, que este é um organismo vivo, e que precisamos reposicionar a lógica do antropocentrismo. Com foco numa temática

que compõe o cotidiano da Escola Oscar Cardoso, correlacionando o que os alunos vivenciam com as disciplinas, com a agrofloresta é possível trabalhar a interdisciplinaridade, resolver problemas matemáticos, produzir de textos nas aulas de português, e, principalmente neste projeto, as disciplinas de ciências e geografia foram as protagonistas. Em si, é possível construir aprendizados com uma única temática de forma transversal, perpassando por todos os campos de saberes.

Esse projeto foi desenvolvido através de ações alavancadas por empresas privadas localizadas na região, a Suzano S. A. e a Enflora, que tem com premissa de atuação o apoio a projetos socioambientais que visam desenvolver e promover conhecimento para educação ambiental, processos produtivos, produção de alimentos, agroecologia, dentre outros. Este trabalho teve início no mês de julho de 2018, com ações participativas, até o mês de novembro do mesmo ano, onde ocorreu a implantação, de fato, da agrofloresta. Equipes técnicas que trabalham com agrofloresta no extremo Sul baiano, bem como amigos da escola, alunos, corpo docente e administrativo, agricultores familiares e famílias contribuíram em toda execução desta iniciativa. Com todos esses esforços reunidos, decidiu-se pela dinâmica de trabalho em caráter de mutirão para facilitar toda operação. Na figura 1, equipes técnicas das empresas privadas, Suzano S.A. e Enflora, corpo docente e alunos na implantação de uma linha agroflorestal (FIGURA 1)



Figura 1. Equipe reunida para execução do projeto agrofloresta na escola em forma de mutirão.

Os mutirões são métodos antigos e tradicionais de trabalho e organização, no qual, as pessoas se agrupam para que, forma coletiva, possa executar uma ação. Os mutirões agroflorestais são espaços fecundos de construção participativa, compartilhamentos de práticas, técnicas e saberes, que auxiliam tanto no planejamento, quanto na execução da ação, na avaliação e no manejo. A participação de todos faz com que haja sentimento de pertencimento, compartilhamento dos saberes gerados e comprometimento pelo plantio das áreas. No mutirão os indivíduos mostram seu talento e cumprem sua função numa vivência múltipla que resulta num ambiente enriquecido, como discute Amador (2018). Ao mesmo tempo, Brandão (2005, p. 90) fala que, “as comunidades aprendentes são espaços educadores que têm uma nova concepção de viver pela partilha, pela cooperação e pela solidariedade. Assim constrói-se uma identidade coletiva”. Sob a perspectiva de Freire (1987), os mutirões apresentam-se como mecanismos de cultura e aprendizagem que, estes, por sua vez, são espaços onde todos podem construir discussões e reflexões e podem, também, contribuir com a forma como a sociedade age.

Com o propósito de trabalhar os sistemas agroflorestais junto com os alunos, inicialmente, foram traçadas etapas que criassem uma analogia da forma de alimentação vivida nos tempos de hoje com uma alimentação ideal, construindo parâmetros com os caminhos que poderiam ser percorridos para produção desses alimentos, minimizando, da melhor forma possível, impactos negativos no meio ambiente. Na figura 2, esquema do planejamento da agroflorestal construído junto com os alunos e professores, em sala de aula. (FIGURA 2)



FIGURA 2. Planejamento esquemático e estruturação da agrofloresta e nomes e tarefas de todos os envolvidos.

Em outros encontros, em sala de aula, na disciplina de ciências, foi feita uma abordagem dialógica sobre: conservação ambiental, produção de alimentos e alimentação saudável. Através do interesse surgido em sala de aula, foram levantados 12 alunos dos 6º e 7º ano, do Ensino Fundamental II, para serem os precursores e multiplicadores do projeto. Ainda, foram discutidos com os alunos alguns assuntos pertinentes ao vídeo sobre agricultura sintrópica do Ernst Götsch, a fim de fomentar debates, promover reflexão acerca do tema do projeto e esclarecer dúvidas.

Com a intenção de criar outros espaços de aprendizagem, foi realizado um encontro, em caráter de oficina, promovido pela Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, no qual os alunos puderam conhecer ainda mais sobre alimentação saudável e as Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANCs, tendo a oportunidade de prepararem receitas de espécies que conheciam, no entanto não sabiam que eram comestíveis. O curso foi ministrado por uma agricultora familiar “Jocileia Sena” que trabalha com agroecologia e SAF’s em sua propriedade e, também, utiliza as PANC’s neste processo.

Após diversos momentos de aprendizado e de troca de experiências, todo percurso foi elaborado conjuntamente para a implantação da agrofloresta. O corpo escolar, composto por professores e alunos ficaram incumbidos de fazer a limpeza do local e instalação da água. Em relação ao terreno, a área amostral equivale a aproximadamente 40 x 20m², onde foi desenhado o sistema de uso e realizado todo plantio. As espécies vegetais utilizadas que



estavam na forma de muda foram, em sua maioria, frutíferas como: bananas de diferentes variedades, acerola, açaí, cacau, jabuticaba, amora, jenipapo, coco, diversos citrus, maracujá, abacaxi, abacate, cupuaçu, morango, fruta do conde, manga, goiaba, cajá manga e mangostão. Também foram utilizadas sementes de hortaliças, rúcula, rabanete, coentro, couve, salsa, cebolinha, mostarda, alface e outras espécies como: milho, feijão, sorgo, aipim, inhame, batata doce. Para biomassa foi utilizado eucalipto, gliricídia, sorgo, ingá, banana, urucum e pitanga. Os exemplares foram doados pelas empresas, pelos alunos, professores e direção da escola, cada um contribuiu com a forma que era possível.

O momento da implantação do projeto foi marcado por muito conhecimento e trabalho, houve a disponibilização de maquinário para ajudar na descompactação do solo (Tobata - mini trator), ferramentas (enxada, enxadao, pá e restelo, tesoura de poda, sementes, adubos e matéria orgânica). Foram abordados temas com os alunos como: agroecologia, consórcio de espécies, competição de nutrientes, espaçamento entre plantas, cálculos da quantidade de plantas utilizadas com o espaço da área amostral, nutrição do solo, componentes físicos e químicos do solo, irrigação, compostagem. Outros mecanismos aparecerem durante o desenvolvimento do projeto, o trabalho coletivo, a solidariedade, o companheirismo e responsabilidade. É necessária a criação de um novo processo educativo que sempre ocorra no coletivo, e que, portanto, o diálogo seja a atividade pedagógica fundamental, favorecendo a reflexão cooperativa, a observação da experiência vivida, e a busca da melhoria da comunicação entre os interlocutores e a produção de percepções e ideias novas (PINHO, 2008).

Após a implantação do SAF na escola, para finalizar o projeto foi realizada uma visita de campo, localizada na comunidade popularmente conhecida como “Espora Gato”, subdistrito Nova Esperança, no município de Caravelas – BA, na propriedade do Sr. Claudio Olímpio, esposo da Sra. Jocileia responsável por ministrar a oficina na UFSB. O intuito foi levar os alunos para conhecer um SAF em pleno desenvolvimento e ampliar o conhecimento acerca do trabalho no campo. O Sr. Claudio trabalha com os princípios da agroecologia, fazendo o uso da prática em conservação e a preservação do ambiente que, além de produzir alimento para subsistência, sua esposa Jocileia produz e vende receitas feitas de produtos sem agrotóxicos e, também, das PANC’s. Na área foi possível observar na íntegra como é possível estruturar e implantar um sistema agroflorestal. Em uma tarde foi possível conhecer algumas plantas que fazem parte desse sistema, como podem ser usadas para alimentação e no consorciamento do plantio. Os alunos visitaram a agrofloresta e puderam comer as frutas

do pomar que vivem em harmonia e pleno desenvolvimento com outras espécies de plantas. Ademais, foi possível estudar o sistema agroecológico e desmistificar a ideia que, um alimento bonito e “vistoso” só é possível que se desenvolva utilizando insumos químicos. E por fim, se deliciaram com as receitas e quitutes da Dona Jocileia, que ainda compartilhou uma receita para que pudessem aprender que é possível ter uma alimentação saudável, mesmo no cotidiano corriqueiro e de uma forma simples.

Resultados e Análises

O projeto possibilitou que as crianças e jovens tivessem a oportunidade de aprender a plantar através de sementes e também de mudas, também tiveram a oportunidade da vivência na prática, por meio do contato com a terra, com a fauna, a flora e o conhecimento prévio, no que se diz respeito à conscientização e preservação do meio ambiente, promovendo o desenvolvimento de uma consciência ecológica.

A iniciativa do projeto mostra a variedade de possibilidades e um leque de ações que se pode promover em um espaço escolar com a agrofloresta. Sendo assim, a oportunidade de realizar atividades de educação voltadas para o relacionamento do ser humano com o meio ambiente, se estende a temática da educação ambiental, mas não só apenas sobre a preservação e conservação da natureza, como também sobre as relações entre o homem e o meio em que se vive; visando possibilitar uma transformação na conscientização para a formação de um ambiente saudável e preservado para as próximas gerações (MIRANDA, et.al. 2017). Logo, a vivência e a prática, somadas a forma divertida de se aprender os princípios agroecológicos, propicia um instrumento de aprendizado que aproxima os alunos aos processos ecológicos.

A formação de grupos como o “Mutirão” cria vínculos entre indivíduos com identidades comuns, possibilita a sinergia, a cooperação, a integração tanto de esforços quanto de conhecimentos, bem como a ampliação da capacidade e potencialidade das atividades e das pessoas. As redes entre organizações e pessoas desempenham função decisiva para as Sociedades Sustentáveis, ao fortalecer os movimentos e conectar informações e atividades, embasando o movimento transformador.

O projeto enaltece a iniciativa que explora um formato no qual se estabeleça parcerias, a fim de agregar pessoas, aprender e construir de forma coletiva um ambiente que promova a possibilidade de desenvolver atividades prazerosas acerca do meio ambiente, aliada a práticas agroecológicas e técnicas agroflorestais. Os SAF's promovem a lógica dos sistemas

biodiversos, uma maneira de fazer com que haja integração do ser humano à dinâmica da vida, participando ativamente na ciclagem dos recursos abundantes (FIGURA 3). Nesse sentido, os SAF's podem, ainda, promover renda e alimentos para a escola e tem relevância para conservação do meio ambiente, sendo que, estes, são alternativas tecnológicas para restaurar florestas, recuperar áreas degradadas e restabelecer a fauna local, uma vez que, são estas as demandas vivenciadas na agricultura familiar de Posto da Mata – Bahia.



Figura 3. Resultado do trabalho já produzindo.

Vale ressaltar que a participação da família nesse processo foi de significativa importância, visto que, o compartilhamento de experiências entre os colaboradores, professores e alunos foram fundamentais não só para a implantação do projeto em si, mas, também, para a promoção da partilha dos saberes tradicionais por cada um dos envolvidos. A implantação dos SAF's na escola também promoveu maior sensação de pertencimento e reconhecimento do espaço que a comunidade está inserida. Segundo Carvalho (2008), é importante ressaltar que a sustentabilidade, além de poder ser usada como descrição de um fenômeno empírico ou uma ideologia — a ser denunciada ou afirmada — pode ser também pensada como um modelo de compreensão da realidade. Desta forma, reunir a comunidade nesses espaços garante a sensação de pertencimento do território, desenvolvendo ainda mais a menção conservacionista para essas práticas ambientais. No entanto, para que de fato isso se consolide são necessários que tais ações e projetos tenham caráter contínuo para que seja desenvolvido de forma gradativa.

Ações que estão norteadas sob essa perspectiva precisam fazer parte do projeto político pedagógico da escola, para garantir que todos da unidade de ensino sejam e façam parte



dele. Por conseguinte, podemos refletir que esses processos promovem criticidade para todas as turmas de alunos, cada membro, prestador de serviço, professores, gestor e comunidade do entorno. Esse processo de transformação, tanto para uma mudança de paradigma quanto para garantir uma efetiva mudança de transformação sócio-ambiental, se fundamenta nos princípios Freirianos, que a partir do momento em que o sujeito se sente pertencente aquele meio, ele toma pra si com a intenção de não perdê-lo, assim irá preservá-lo. Para Freire (1997), a pedagogia se situa no âmbito dessa tensão [ação-reflexão] em que a prática e a teoria estão em permanente diálogo. Contudo, sabemos que o querer somente não basta, é fato que desenvolver essa crítica interna do coletivo é necessário empenho de todas as esferas governamentais e não governamentais para que ações como essa não fiquem somente no espaço das escolas, que vá além e que seja transformador para a sociedade.

Este projeto que foi desenvolvido com enfoque interdisciplinar é, para muitos professores e alunos, um novo olhar para uma transformação e uma forma de se aprender um mesmo tema em vários componentes curriculares. Podemos ressaltar que, ao adotar essa postura, a escola exerce um papel mais nobre junto à comunidade, o de “Agente de Transformação Social”, que contribui com a formação dos alunos (além dos conteúdos obrigatórios), e passa a incorporar lições e aprendizados que servirão para toda a vida, em toda sua integralidade; com práticas que colaboram para a manutenção da família no campo, vivendo com dignidade, minimizando o abandono das práticas da agricultura que foram perdidas com a expansão do capitalismo. Essas práticas se consolidaram a partir de diversos momentos observados nas interações entre os alunos, no compartilhamento de saberes sobre diferentes espécies de plantas que possuem em suas áreas/casas, bem como o entusiasmo entre eles relacionando as variedades das espécies, as experiências e novos aprendizados. “Quais são os insetos que estão presentes naquele ambiente? O que é um inseto praga? Quais são os preparados naturais que podem ser usados para repelir um inseto indesejado?” (indagações feitas pelos alunos no dia a dia escolar). As trocas, reflexões e indagações passaram a ser recorrentes entre os alunos. Tais observações puderam ser verificadas no cotidiano escolar, reafirmando que tais propostas são fundamentais não só para se trabalhar a pluralidade e interdisciplinaridade das temáticas nas disciplinas, mas também mudar positivamente seu contexto social e crítico.

Considerações finais



A diversidade de métodos didáticos como dinâmicas, atividades de campo (levantamento de informações, implantação de áreas, mutirão e visita em área de produtor), atividades dedutivas, atividades que despertam o uso de todos os sentidos, perguntas geradoras, histórias, palestras, escrita, entre outros, de certa forma, transformam a rotina e mantêm os alunos conectados e envolvidos, além de permitir a interação com o tema estudado em diferentes óticas e despertar a criatividade. Concluimos que, mesmo perante as dificuldades, considera-se gratificante e estimulante a realização desta abordagem, tanto para o estudante como para os docentes envolvidos. Esta ferramenta de ensino-aprendizagem foi um destaque para a escola, uma vez que foi uma estratégia que auxiliou e melhorou, sob diversos aspectos, o ensino em ciências, o que agregou práticas conservacionistas e ambientais entre todos. Ainda, é um mecanismo fundamental para garantir uma aprendizagem permanente à luz da prática. Nesse processo de transformação é possível que os educadores consigam realizar atividades diferenciadas quando se têm objetivos que se fundamente a vida cotidiana, compromisso com a educação de qualidade e parceiros comprometidos. Uma equipe integrada e comprometida é capaz de engajar os alunos e toda a comunidade escolar, para que, juntos, contribuam para a transformação da realidade que a escola está inserida, ou seja, a comunidade em seu entorno. A tendência é que o sistema agroflorestal da Escola Municipal Prof. Oscar Cardoso continue sendo um “instrumento pedagógico” cada vez mais eficiente, servindo de referência para outras escolas na área urbana e nas que estão em comunidades rurais, mas que não participam da realidade que as cercam.

Referências

AMADOR, D. B. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – **Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF** – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/download/1568/981/>. Acesso em: 10 Março 2021

BRANDÃO, V. R. Comunidades Aprendentes. In: Ferraro Junior, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Vol. 1. Brasília: MMA/DEA, 2005, p. 83-91.

CARVALHO, I. C. M. Educação Para Sociedades Sustentáveis E Ambientalmente Justas. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental **Rev. eletrônica Mes. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, v. especial, dezembro de 2008. DOI:



<https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.3387>. Disponível em:
<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3387/2033> . Acesso em 18 Março 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 13^a. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997. 165p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo. Paz e Terra. 1987. 184 p.

MIRANDA, E. C. S. S.; OCHOSKI, M.; NETO, B. P.; ALMEIDA, V. S.; SOARES, A. M. D. Agrofloresta pedagógica: cultivando a agroecologia no espaço escolar. **Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, GEPEADS – Grupo de Estudo, Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade**. Brasília, 2017. Disponível em:
<http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/652> . Acesso em: 26 Fevereiro 2021

MONTE, A. L. Z. Sintropia em agroecossistemas: subsídios para uma análise bioeconômica. Dissertação de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável. Centro de Desenvolvimento Sustentável. **Universidade de Brasília**, Brasília. 2013. 121p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15763> . Acesso em 21 Fevereiro 2021

PENEIREIRO, F. M.; BRILHANTE, M. O.; ROSARIO, A. A. S.; RODRIGUES, F. Q. Agrofloresta na formação de técnicos florestais pela “Escola da Floresta”: uma experiência no ensino médio no Estado do Acre. **Universidade Federal do Acre/Parque Zoobotânico/Projeto Arbóreo**. BR-364 km 04, Campus Universitário, Distrito Industrial, Rio Branco/AC. 2000. Disponível em:
https://agrofloresta.net/static/artigos/escola_floresta_peneireiro.pdf . Acesso em: 25 Fevereiro 2021

PENEIREIRO, F. M. Educação na contemporaneidade : nutrindo-se com a experiência da Escola da Floresta, Acre – Brasil / Fabiana Mongeli Peneireiro. **Universidade de Brasília, Faculdade de Educação**, Programa de Pós Graduação em Educação. 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14137/1/2013_FabianaMongeliPeneireiro.pdf . Acesso em 01 Março 2021

PINHO, R. Z. P. Movimento Mutirão Agroflorestal: Trajetória do grupo, o Processo de Formação em Agrofloresta, suas Contribuições e Impactos / **Universidade Estadual de Campinas**, Instituto de Geociências. Campinas, SP.: [s.n.], 2008. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/287217> . Acesso em: 02 Março 2021

SALES, E. F.; ARAÚJO, J. B. S.; BALDI, A. Sistemas Agroflorestais e Consórcios no Estado do Espírito Santo: relatos de experiências. – Vitória, ES: **Incaper**, 2018. 22 p.: il. Collor. – (Documentos, 254. Incaper). Disponível em:
http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/287217/1/Pinho_RenataZambello_M.pdf . Acesso em: 01 Março 2021

STEENBOCK, W.; COSTA e SILVA, L.; SILVA, R. O.; PEREZ-CASSARINO, J.; REGIANE, F.; SEOANE, C. E.; F, L. C. M. Agrofloresta, ecologia e sociedade. Froufe.— Curitiba: **Kairós**, 2013. Disponível em:



https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/permacultura/livro_AGROFLORESTA_ECOLOGIA_E_SOCIEDADE.pdf . Acesso em: 02 Março 2021

SOBRE AS AUTORAS:

Érica de Jesus Portugal

Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Biosistemas. Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB; Possui especialização em Educação do Campo – Faculdade São Luis. Atualmente é Bolsista da CAPES dedicação exclusiva. E-mail: ericajportugal@gmail.com

Maria Monielle Salamim Cordeiro Monteiro

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM/UFPR/Curitiba/Brasil). Possui Especialização em Metodologia e Práticas Pedagógicas do Ensino de Biologia (ISEIB), Especialização em Biologia Vegetal (UCAM), Licenciada pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Teixeira de Freitas/BA; E-mail: moni.salamim@gmail.com

Kariny de Oliveira Paiva

Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais pela Universidade Federal do sul da Bahia – UFSB. Analista de Sustentabilidade, pela Arkhé Assessoria e Consultora Socioambiental, serviço prestado na Suzano S.A. Membro no Núcleo de Pesquisa em conservação da flora, biologia evolutiva e sustentabilidade da UFSB. Email: ext.kariny.paiva@suzano.com.br

Nossos agradecimentos ao Senhor Milton Pereira da Silva Junior que colaborou na construção do projeto. Milton é Doutor em Educação (UFBA); Professor da Universidade Federal do Sul da Bahia e Professor Colaborador do Programa de Doutorado em Desenvolvimento Ambiental e Sustentável da UESC. E-mail: notlimf@gmail.com. Também colaboraram para a execução do projeto o Senhor Narcísio Loss, Andreone Souza, ambos Consultores de Desenvolvimento Social na Suzano S.A., e o Douglas Peixoto, Coordenador de Desenvolvimento Social, na Suzano S.A.